

sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava á tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os apóstolos galileus, sua palavra resplandecia nas prêgações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura. Quando quasi todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos, para além das considerações agradaveis ao judaismo dominante, Estevam apresentava á multidão, desassombradamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente ás lutas que iria provocar comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discipulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua prêgação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações.

Em poucos meses, seu nome era aureolado por uma veneração surpreendente. E, ao fim do dia, quando chegavam as orações da noite, o moço de Corinto, ao lado de Pedro e João falava das suas visões e das suas esperanças, cheio do espírito daquele Mestre adoravel, que, através do seu Evangelho, lhe semeara no coração as estrelas abençoadas de um júbilo infinito.

IV

NAS ESTRADAS DE JOPPE

Estamos em Jerusalém, numa clara manhã do ano 35.

No interior de sólido edificio, onde tudo transpira o confôrto e luxo contemporaneos, um homem ainda moço parece impaciente, á espera de alguem que se demora. Ao menor rumor na via pública, corre á janela apressado, voltando a sentar-se e a examinar papiros e pergaminhos, como quem se diverte matando o tempo.

Chegando á cidade, depois de uma semana de viagem exhaustiva, Sadoc aguardava o amigo Saulo para o abraço afetuoso da sua amizade de muitos anos.

Dentro em breve um carro minúsculo, semelhante ás bigas romanas, estacava á porta, tirado por dois soberbos cavalos brancos. Num minuto, os nossos personagens se abraçaram efusivamente, transbordantes de alegria e juventude.

O jôvem Saulo apresentava toda a vivacidade de um homem solteiro, bordejando os seus trinta anos. Na fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, propios dos temperamentos apaixonados e indomaveis, ricos de agudeza e resolução. Trajando a túnica do patriciato, versava de preferencia o grego, a que se afeçoara na cidade natal, ao convívio de mestres bem amados e trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.

— Quando chegaste? — perguntou Sadoc bem humorado, ao visitante.

— Estou em Jerusalém, desde ontem de manhã. Aliás, estive com tua irmã e teu cunhado, que me deram notícias tuas ao partirem para Lydda.

— E como vais de vida lá por Damasco?

— Sempre bem.

Antes que se fizesse alguma pausa, o outro observou:

— Mas como estás modificado!... Um carro á romana, a conversação em grego e...

Saulo, porém, não o deixou prosseguir e rematou:

— E no coração a Lei, sempre desejoso de submeter Roma e Atenas aos nossos princípios.

— Sempre o mesmo homem! — exclamou o amigo com um franco sorriso. — Aliás, posso apresentar um complemento ás tuas próprias explicações. A biga é indispensável ás surtidas a uma casinha florida, na estrada de Joppe; e a conversação grega é necessária aos colloquios com uma legítima descendente de Issachar, nascida entre as flores e os mármoreos de Corinto.

— Como sabes? — inquiriu Saulo admirado.

— Pois não te disse que estive ontem á tarde com tua irmã?

E os dois, acomodados em poltronas confortaveis da época, entremeando a conversação com algumas pequenas taças do capitoso "Chipre", esfloravam largamente os problemas da vida pessoal, relacionando as pequenas occurrencias de cada dia.

Jovialissimo, Saulo contou ao amigo que, de fato, se enamorara de uma jovem da sua raça, que aliava os dotes de peregrina beleza aos mais elevados tesouros do coração. Seu culto ao lar constituia um dos mais santificados atributos femininos. Explicou o primeiro encontro que tiveram. Em companhia de Alexandre e Gamaliel, fôra, havia uns três meses, a uma festividade íntima que Zacarias ben Hanan, adiantado lavrador no caminho de Joppe, oferecera a alguns amigos bem collocados, em homenagem á circuncisão dos filhinhos de seus servidores. Acrescentou que o anfitrião era um

antigo comerciante israelita emigrado de Corinto, após longos anos de trabalho na Acaia, desgostoso com as perseguições de que fôra vítima. Após grandes provações na viagem de Kencrées á Cesaréia, Zacarias chegara áquele porto em péssimas condições financeiras, mas foi auxiliado por um patricio romano, que lhe facultou recursos para arrendar uma grande propriedade na estrada de Joppe, a regular distancia de Jerusalém. Acolhido generosamente em sua casa, agora farta e feliz, ali conhecera na jovem Abigail um terno coração de menina, dona dos mais belos predicados morais que pudessem exornar uma filha da sua raça. Era, de fato, o seu ideal de moço; inteligente, versada na Lei e, sobretudo, dócil e carinhosa. Adotada pelo casal como filha muito cara, havia sofrido amargamente em Corinto, ali deixando o pai morto e o irmão escravizado para sempre. Havia três meses que se conheciam, permutando-se as mais rissonhas esperanças e, quem sabe? talvez o Eterno lhes reservasse a união conjugal, como coroamento dos sonhos sagrados da juventude. Saulo falava com o entusiasmo proprio do seu temperamento apaixonado e vibrátil. No olhar profundo, notava-se-lhe a chama viva dos sentimentos resolutos, com respeito á afeição que lhe dominava a capacidade emotiva.

— E já communicaste a teus pais esses projetos? — perguntou Sadoc.

— Minha irmã pretende ir a Tarso neste dois meses e será a intérprete dos meus votos, concernentes á organização do meu futuro. Aliás, sabes, isso não pode nem deve ser um problema de soluções precipitadas. Penso que ao homem não convém entregar-se assim, sem mais nem menos, a uma questão decisiva do seu destino. Obedecendo ao nosso velho instinto de prudencia, venho analisando demoradamente meus proprios ideais e ainda não trouxe Abigail para conviver com Dalila, alguns dias, em nossa casa; pretendo faze-lo tão só nas vésperas da visita de minha irmã ao lar paterno.

— Já que acalentas tantos projetos para o futuro

— ajuntou o amigo com bondoso interesse — em que pé estão as tuas pretensões ao cargo do Sinhedrio?

— Não posso queixar-me, porquanto o tribunal me confere atualmente atribuições especialíssimas. Sabes que Gamaliél ha muito vem instando com meu pai, a respeito da minha transferencia para Jerusalém, onde me prometem lugar de relêvo na administração do nosso povo. Como sabemos, o antigo mestre está idoso e deseja retirar-se da vida pública. Não tardarei a substituí-lo no voto das mais altas deliberações, além de auferir atualmente ótima remuneração, independente da contribuição que me vem de Tarso periodicamente. Tenho, acima de tudo, o ideal político de aumentar meu prestigio junto aos rabinos. E' preciso não esquecer que Roma é poderosa e que Atenas é sábia, tornando-se indispensavel acordar a eterna hegemonia de Jerusalém como tabernáculo do Deus unico. Precisamos, pois, dobrar os joelhos de gregos e romanos, ante a lei de Moisés.

Sadoc no entanto, deixando perceber que não prestava muita atenção ao seu idealismo nacionalista, retinha o pensamento na situação particular, advertindo delicadamente:

— Pelo que me dizes, folgo em saber que teu pai vai melhorando, progressivamente, as condições financeiras. E' dizer-se que foi tecelão humilde...

— Por isso mesmo, talvez — glosou Saulo — ensinou-me a profissão, quando menino, para que nunca me esquecesse que o progresso de um homem depende do seu proprio esforço. Hoje, porém, depois de tantas fadigas no teár, ele descansa, com justiça, numa velhice honrada e sem cuidados, junto de minha mãe. Suas caravanas de camelos percorrem toda a Cilícia e os transportes lhe garantem um desenvolvimento de renda cada vez maior.

A palestra continuou animada e, em dado instante, o moço de Tarso inqueriu o amigo sôbre os motivos que o traziam a Jerusalém.

— Vim certificar-me da cura de meu tio Filodemos,

que ficou curado da velha cegueira, mediante processos misteriosos.

E, como se trouxesse o cérebro onusto de interrogações de toda sorte, para as quais não encontrava resposta nos proprios conhecimentos, acentuou:

— Já ouviste falar nos homens do "Caminho"?

— Ah! Andrônico falou-me a respeito deles, ha muito tempo. Não se trata de uns pobres galileus maltrapilhos e ignorantes que se refugiam nos bairros desprezíveis?

— Isso, justamente.

E contou que um homem chamado Estevam, portador de virtudes sobrenaturais, no dizer do povo, havia devolvido a vista ao tio, com assombro geral de muita gente.

— Como é isso? — disse Saulo admirado. Como pôde Filodemos submeter-se á experiencias tão sordidas? Acaso não terá compreendido que o fato pode redicar nas artimanhas dos inimigos de Deus? Várias vezes, desde que Andrônico me referiu o assunto pela primeira vez, tenho ouvido comentários a respeito desses homens e cheguei mesmo a trocar idéias com Gamaliél, no intuito de reprimir essas atividades perniciosas; entretanto, o mestre, com a tolerancia que o caracteriza, fez-me ver que essa gente vem auxiliando a numerosas pessoas sem recursos.

— Sim — atalhou o outro — mas ouço dizer que as prêgações de Estevam estão arrebanhando muitos estudiosos a novos principios que, de algum modo, infirmam a lei de Moisés.

— Todavia, não foi um carpinteiro galileu, obscuro, sem educação, que originou tal movimento? Que poderíamos esperar da Galiléia? Porventura terá produzido outra cousa além de legumes e peixes?

— E' contudo, o carpinteiro martirizado tornou-se um ídolo para os companheiros. Procurando desfazer as impressões de meu tio, chamando-o á razão com a energia necessária, fui levado a visitar, ontem, as obras de caridade dirigidas por um tal Simão Pedro. E' uma realização estranha e que não deixa de ser extraordinária.

ria. Crianças desamparadas que encontram carinho, leprosos que recobram a saúde, velhos enfêrmos e desprotegidos da sorte, que exultam de confôrto.

— Mas os doentes? Onde ficam esses doentes? — interrogou Saulo assombrado.

— Todos se agasalham junto desses homens incompreensíveis.

— Estão todos malucos! — disse o moço de Tarso com a franqueza espontanea que lhe marcava as atitudes.

Ambos trocaram impressões íntimas, sôbre a nova doutrina, pontuando de ironia o comentário de muitos fatos piedosos, que empolgavam a atenção do povo simples de Jerusalém.

Ao finalizar a conversa, Sadoc acrescentou:

— Não me conformo em ver os nossos princípios aviltados e proponho-me a cooperar contigo, embora esteja em Damasco, para estabelecermos a imprescindível repressão a tais atividades. Com as tuas prerrogativas de futuro rabino, em destaque no Templo, poderás encabeçar uma ação decisiva contra esses mistificadores e falsos taumaturgos.

— Sem dúvida — respondeu. E prontifico-me a executar todas as providencias que o caso requer. Até agora, a atitude do Sinhédrio tem sido da máxima tolerancia, mas farei com que todos os companheiros mudem de opinião e procedam como lhes compete, em face dessas investidas que estão a desafiar severa punição.

E, quasi solene, concluia:

— Quais os dias de prêgação dêsse tal Estevam?

— Os sábados.

— Pois bem; depois de amanhã iremos juntos apreciar os sandeus. Caso verifique o carater inofensivo dos seus ensinamentos, haverá que os deixar em paz com a sua logomaquia, ao lado das mazelas do próximo; mas, caso contrário, pagarão muito caro a audácia de ofender nossos códigos religiosos, na propria metrópole do judaísmo.

Ainda por largo tempo comentaram os fatos sociais, as tricas do farisaísmo a que pertenciam, os sucessos do presente e as esperanças do porvir.

Ao cair da tarde desse mesmo dia, a biga elegante de Saulo de Tarso atravessava as portas de Jerusalém, tomando a direção do porto de Joppe.

O sol ardente, alto ainda no horizonte, enchia o caminho com a sua luz muito viva. O semblante do jóveme doutor da lei irradiava uma alegria louca, ao trote largo dos animais, que, de quando em vez, passavam a galopar. Recordava, satisfeito, o esporte a que se afeiçoara na cidade natal, tão ao gôsto grego em que fôra educado, graças á solicitude paterna. Olhos fixos nos cavalos árdegos e velozes, vinham-lhe á mente as vitórias alcançadas, entre os parceiros de jogos na sua descuidosa adolescencia.

Poucas milhas distante, erguia-se uma casa confortavel, entre grandes tamareiras e pessegueiros em flor. Em tórno, grandes plantações de legumes, ao lado de tênue fio d'agua inteligentemente aproveitado em extenso horto. A propriedade era parte integrante de uma das muitas pequenas aldeias que rodeavam a cidade santa, onde quer que houvesse condições favoraveis para a pequena lavoura, de alto interesse nos mercados de Jerusalém colocada no seio de uma segura singular. Era aí que Zacarias se instalara com a família, para recommear a vida honesta. Ruth e Abigail procuravam ajuda-lô no seu nobre esforço de homem ativo e trabalhador, cultivando frutos e flores, e com isso aproveitando toda a terra disponível.

Deixando Corinto, o generoso israelita encontrou grandes dificuldades, até que desembarcou em Cesaréia, onde se lhe esgotaram os ultimos recursos. Alguns conterraneos, entretanto, o apresentaram a conhecido patricio romano, grande proprietário na Samária, que lhe emprestou avultada soma, recomendando-lhe aquela zona de Joppe onde poderia arrendar-lhe a propriedade de um amigo. Zacarias aceitou o auxilio e tudo ia ás mil maravilhas. A venda de legumes e frutas, bem como a criação de aves e animais pesados, compensava-lhe as fadigas. Embora distante de Jerusalém, tivera ensejo de visitar a cidade, mais de três vezes, sendo que, sob o amparo de Alexandre, parente proximo de

Annaz, conseguira incluir-se entre os negociantes privilegiados, que podiam vender animais para os sacrificios do Templo. Auxillado por amigos influentes, do estofo de Gamaliel e de Saulo de Tarso, que se emancipara da condição de discípulo para graduar-se em autoridade competente, no mais alto tribunal da raça, pudera resgatar grande parte de suas dividas, caminhando vertiginosamente para uma bela posição de independencia financeira, no país natal. Ruth regosijava-se com a vitória do marido, secundada por Abigail, em quem encontrara a dedicada afeição de uma verdadeira filha.

A irmã de Jeziél parecia haver refundido a delicadeza dos traços feminis, na forja dos sofrimentos experimentados. A gracilidade do semblante e o negrume dos olhos haviam-se irmanado a um véu de formosa tristeza, que toda a envolvera, a partir daqueles dias tragicos e lúgubres, passados em Corinto. Quanto desejava uma notícia, ainda que ligeira e banal, do irmão que o destino havia convertido em escravo de verdugos cruéis!... Para isso, desde os primeiros tempos, Zacarias não poupava expedientes nem esforços. Incumbindo a um fiél amigo da Acaia de promover diligencias em tal sentido, apenas fôra informado de que Jeziél havia sido levado, quasi a ferros, para bordo de um navio mercante que se destinava a Nicópolis. Nada mais. Abigail instara novamente. E de Corinto vinham novas promessas dos amigos, que prosseguiriam investigando nas rodas afeioadas a Licínio Minúcio, de modo a descobrirem o paradeiro do jóvem cativo.

Nesse dia, a moça recordava profundamente a figura do irmão querido, as suas advertencias e conselhos tão carinhosos sempre.

Desde que travara relações com o rapaz de Tarso e entrevira a possibilidade de uma união conjugal, era com ansiedade que supplicava a Deus a consoladora certeza da existencia do irmão, fôsse onde fôsse. A seu ver, Jeziél gostaria de conhecer o eleito do seu coração, cujos pensamentos eram igualmente iluminados pelo zêlo sincero de bem servir a Deus. Contar-lhe-ia que a afeição da sua alma era tambem entretecida de comentários

religiosos e filosóficos, e não tinham conta as vezes em que ambos se submergiam na contemplação da natureza, comparando as suas lições vivas com os símbolos divinos dos Escritos Sagrados. Saulo muito lhe ajudara no cultivo das flores da fé, que Jeziél havia semeado em sua alma singela. Não era ele um homem excessivamente sentimental, dado ás efusões dos carinhos que passam sem maior significação, mas, comprehendera-lhe o espírito nobre e leal, que um profundo sentimento de auto-domínio assinalava. Abigail estava certa de entender-lhe as aspirações mais intimas, nos sonhos grandiosos que lhe empolgavam a mocidade. Sublime atração, essa que a impelia para o jóvem sábio, voluntarioso e sincero! A's vezes, parecia-lhe áspero e enérgico em demasia. Suas concepções da lei não admitiam meios termos. Sabia ordenar e desagradava-lhe qualquer expressão de desobediencia aos seus propositos. Aqueles meses de convívio quasi diário davam-lhe a conhecer o seu temperamento indomito e inquieto, a par de um coração eminentemente generoso, onde uma fonte de ignorada ternura se retraía em abismais profundezas.

Mergulhada em cismas, num gracioso banco de pedra junto dos pessegueiros em festa primaveril, viu que o carro de Saulo se aproximava ao trote largo dos animais.

Zacarias o recebeu á distancia e juntos, em conversação animada, demandaram o interior, para onde a jóvem se dirigiu.

A palestra estabeleceu-se no tom de cordialidade, que se repetia várias vezes na semana, e, como de costume, os dois jóvens, no deslumbramento da paisagem crepuscular, quasi de mãos dadas, como dois prometidos, desceram ao pomar cuja relva se constituia de largos canteiros de flores orientais. O mar extendia-se á distancia de muitas milhas, mas o ar fresco da tarde dava a impressão dos ventos suaves que sôpram do litoral. Saulo e Abigail falaram, a princípio, das banalidades de cada dia; contudo, em dado momento reconhecendo o véu de tristeza que se estampava no rosto da compaheira, o moço interrogou com ternura:

— Por que estás tão triste hoje?

— Não sei — respondeu ela de olhos húmidos — mas tenho pensado muito em meu irmão. Espero, ansiosa, notícias dele, pois guardo a esperança de que te possa conhecer, mais cedo ou mais tarde. Jeziél acolheria tua palavra com entusiasmo e contentamento e, por certo, abençoaria os nossos sonhos do porvir. Um amigo de Zacarias prometeu informações a respeito e eu estou esperando notícias de Corinto.

Depois de pequena pausa, ergueu os grandes olhos e prosseguiu:

— Ouve, Saulo: Se Jeziél ainda estiver preso, prometes-me teu auxílio em seu favor? Teus prestigiosos amigos de Jerusalém poderão intervir para libertá-lo, junto do Proconsul da Acaia! Quem sabe? Minhas esperanças agora resumem-se exclusivamente em ti.

Ele tomou-lhe a mão e replicou enternecido:

— Farei tudo por ele.

E fixando nela os olhos dominadores e apaixonados, acentuou:

— Abigail, amarias a teu irmão mais que a mim?

— Que dizes? — exclamou, compreendendo a delicadeza da pergunta. — Entendes o meu coração fraterno e isso me exime de mais amplas explicações. Como sabes, querido, Jeziél foi meu amparo nos dias da orfandade materna. Companheiro de infância e amigo da juventude sem sonhos, foi sempre o irmão carinhoso que me ensinou a soletrar os mandamentos, a cantar os Salmos de mãos postas, livrando-me das veredas do mal e inclinando-me ao bem e à virtude. Tudo que encontrei em mim, constituiu dádiva da sua generosa assistência de irmão desvelado.

Saulo observou-lhe o olhar húmido de pranto e considerou com bondade:

— Não chores. Compreendo as tuas sagradas razões afetivas. Se necessário, irei ao fim do mundo descobrir Jeziél, caso ainda esteja vivo. Levarei cartas de Jerusalém à Côrte Provincial de Corinto. Farei tudo. Tranquiliza-te, pois. Pelos teus informes, presumo nele um santo. Mas falemos de outras cousas. Ha proble-

mas imediatos a resolver. E nossas esperanças, Abigail?

— Deus ha de abençoar-nos, murmurou a jovem, comovida.

— Ontem, Dalila e o espôso foram em visita a alguns parentes nossos, de Lydda. Entretanto, ficou tudo combinado para que estejas conosco em Jerusalém, daqui a dois meses. Antes que minha irmã empreenda a proxima viagem a Tarso, quero que ela te conheça mais intimamente, a-fim-de que exponha com franqueza, a meus pais, o nosso projeto de casamento.

— Teu convite me sensibiliza sobremaneira, mas...

— Nada de restrições nem timidez. Viremos buscar-te. Combinarei todas as providencias indispensaveis, com Ruth e Zacarias e, quanto ao necessário para que te apresentes numa cidade grande, não permitirei que façam aqui despesa alguma. Já estou providenciando para que recebas, em breves dias, várias túnicas de modelo grego.

E rematava a observação com um belo sorriso:

— Quero que apareças em Jerusalém como exopente perfeito da nossa raça, desenvolvida entre as antigas belezas de Corinto.

A moça fez um gesto tímido, demonstrando intimo contentamento.

Mais alguns passos e sentaram-se sob velhos pessegueiros floridos, respirando a longos haustos as virações suaves que enchem a natureza. A terra cultivada e colorida de rosas de todos os matizes, exalava delicioso aroma. O fim do crepúsculo está sempre cheio de sons que passam apressados, como se a alma das cousas estivesse igualmente ansiosa pelo silêncio, amigo do grande repouso. Eram árvores frondosas que se velavam nas sombras, derradeiros passarinhos errantes que voejavam, céleres e as brisas cariciosas que chegavam de longe, agitando as grandes ramarias e acentuando os doces murmúrios do vento.

Saulo, inebriado de indefinível alegria, contemplou as primeiras estrelas que sorriam no céu recamado de luz. A natureza é sempre o espelho fiél das emoções mais íntimas, e aquelas vagas de perfume que as vira-

ções traziam de longe, encontravam um éco de misterioso júbilo no seu coração.

Abigail — disse retendo-lhe a mãozinha entre as suas — a natureza canta sempre com as almas esperançosas e crentes. Com que ansiedade esperei-te no caminho da vida!... Meu pai falou-me do lar e das suas doçuras e eu aguardava a mulher que me compreendesse inteiramente.

— Deus é bom — replicou ela com enlévo — e sómente agora reconheço que, depois de tantos sofrimentos, Ele me reservava, na sua misericórdia infinita, o tesouro maior da minha vida, o teu amor, na terra de meus pais. Teu afeto, Saulo, concentra todos os meus ideais. O céu nos fará felizes. Todas as manhãs, quando estivermos casados, pedirei em preces fervorosas, aos anjos de Deus que me ensinem a tecer a rede das tuas alegrias; á noite, quando a benção do repousc envolver o mundo, dar-te-ei um carinho sempre novo, do meu afeto. Tomarei tua cabeça atormentada pelos problemas da vida e ungirei tua fronte com a carícia de minhas mãos. Viverei com Deus e contigo, somente. Ser-te-ei fiél por toda a vida e amarei os proprios sofrimentos que, acaso, o mundo possa acarretar-me, por amor á tua vida e ao teu nome.

Saulo apertou-lhe as mãos com mais enlévo, redarguindo deslumbado:

— Dar-te-ei, por minha vez, meu coração dedicado e sincero. Abigail, meu espírito estava possuído somente do amor á Lei e a meus pais. Minha mocidade tem sido muito inquieta, mas pura. Não te oferecerei uma flor sem perfume. Desde os primeiros dias da juventude, conheci companheiros que me incitaram a lhes seguir os passos incertos na embriaguez dos sentidos, precursora da morte de nossas preocupações mais nobres neste mundo, mas nunca trai o ideal divino que me vibra nalma sincera. Depois dos estudos iniciais da minha carreira, encontrei mulheres que me acenavam, levadas por uma concepção perigosa e errônea do amor. Em Tarso, nos dias suntuosos dos jogos juvenis, após a conquista das melhores láureas, recebia de jovens inquietas, declara-

ções de amor e propostas de núpcias, mas, a verdade é que permanecia insensível, a esperar-te como heroína ignota do meu sonho, nas assembléias ostentosas de púrpuras e flores. Quando Deus aqui me conduziu ao teu encontro, teus olhos me falaram, num lampejo, de sublimes revelações. E's o coração do meu cérebro, a essencia do meu raciocínio e serás a mão guiadora das minhas edificações, em toda a vida.

— Enquanto a moça, sensibilizada e venturosa, tinha os olhos marecados de pranto, o fogoso mancebo continuava:

— Vivemos um para o outro e teremos filhos fiéis a Deus. Serei a ordenação da nossa vida, serás a obediencia em nossa paz. Nossa casa será um templo. O amor a Deus será sua maior coluna e, quando o trabalho exigir minha ausencia do altar doméstico, ficarás velando no tabernáculo da nossa ventura.

— Sim, querido. Que não faria por ti? mandarás e obedecerei. Serás a ordem de minha vida e eu rogarei ao Senhor que me auxilie a ser teu bálsamo de ternura. Quando estiveres fatigado, lembrar-me-ei de minha mãe e adormecerei tua alma generosa com as mais formosas orações de David!... Interpretarás para mim a palavra de Deus. Serás a lei, serei tua serva.

Saulo enternecia-se ouvindo aquelas expressões blandiciosas. Eram as mais belas que já havia recolhido de um coração feminino. Mulher alguma, jamais, assim lhe falara ao espírito impetuoso. Habitado aos longos e dificeis raciocínios, escaldando o cérebro nos silogismos dos doutores; em busca de um futuro brilhante, sentia a alma ressecada, sedenta de verdadeiro idealismo. Desde criança, com a sadia educação doméstica, guardara puros os primeiros impulsos do coração, sem jamais contamina-los na esteira dos prazeres fáceis ou no fogo das paixões violentas, que sóem deixar na alma o carvão das dores sem esperança. Acostumado ao esporte, aos jogos da época, seguido sempre de muitos companheiros em desvario, tivera o heroismo sagrado de sobrepôr as disposições da Lei, ás proprias tendências naturais. Sua concepção de serviço a Deus não admitia

concessões a si mesmo. A seu ver, todo homem devia conservar-se indene de contactos inferiores com o mundo, até que atingisse o tálamo nupcial. O lar constituído haveria de ser um tabernáculo das bênçãos eternas; os filhos, as primícias do altar do Maior Amor, consagrado ao Senhor Supremo. Não que a sua juventude estivesse isenta de desejos. Saulo de Tarso experimentava todos os anseios da mocidade impetuosa do seu tempo. Imaginava situações de anelos satisfeitos e no entanto, sujeito aos carinhos maternos, prometera a si mesmo jamais tergiversar. A vida do lar é a vida de Deus. E Saulo guardava-se para emoções mais sublimadas. De esperança em esperança, via passar os anos, esperando que a inspiração divina determinasse a róta dos seus ideais. Esperava e confiava. Seus pais presumiam encontrar, ali ou acolá, aquela a quem devesse eleger; entretanto, ele, energico e resolutivo, removia a intervenção dos entes caros, no concernente á escolha que afetava a decisão do seu destino. Abigail encherá-lhe o coração. Era a flor mística do seu ideal, a alma que lhe entenderia as aspirações, em perfeita ressonância de pensamentos. De olhos fixos nas suas feições delicadas, que o luar pálido iluminava, teve ansias de guarda-la para sempre nos braços fortes. Ao mesmo tempo, doce enternecimento lhe vibrava na alma. Desejava atraí-la a si, como se o fizesse a uma criança meiga e afagar-lhe os cabelos sedosos com todo o cabedal do seu carinho.

Inebriados de gôzo espiritual, falaram largo tempo do amor que os identificava na mesma aspiração de ventura. Todos os comentários mais íntimos faziam de Deus o sagrado partícipe de suas esperanças no futuro que se lhes auspiciava, santificado em júbilos infinitos.

De mãos dadas extasiaram-se com o plenilunio maravilhoso. Os eloendros pareciam sorrir-lhes. As rosas orientais, aureoladas pelos raios da lua, eram-lhes qual mensagem de beleza e perfume.

Ao despedir-se, Saulo acrescentou venturoso:

— Dentro de dois dias voltarei a ver-te. Ficamos combinados. Quando Dalila partir levará notícias nos-

sas a meus pais e, precisamente de hoje a seis meses, quero ter-te comigo para sempre.

— Seis meses? — revidou ela meio ruborizada e surpreendida.

— Nada haverá, penso, que possa embargar esta resolução de vez que já temos o indispensável.

— E se ainda não tivermos, até lá, notícias de Jezíel? Por mim, desejaria casar-me convicta do seu contentamento e aprovação.

Saulo esboçando leve sorriso, em que havia muito de contrariedade mal dissimulada, esclareceu:

— Quanto a isso, fica tranquila. Cuidaremos primeiramente da atitude dos meus, que se encontram em plano mais imediato; e tão logo resolvamos o problema, se preciso fôr, irei pessoalmente á Acaia. E' impossível que Zacarias não receba novas notícias de Corinto, nas proximas semanas. Então, providenciaremos com mais segurança.

Abigail teve um gesto de satisfação e reconhecimento.

Irmanados, agora, na mesma vibração de júbilo, antes que reentrassem em casa, onde os donos os aguardavam entretidos com a leitura das Profecias, Saulo levou a mão da jóvem aos lábios e murmurou a despedida habitual:

— Fiél para sempre!...

Daí a minutos, depois de ligeira palestra com os amigos, ouvia-se o trotar dos animais estrada em fóra, de regresso á Jerusalém. O carro minúsculo rodava, celeremente, ao luar, sob uma nuvem de pó.